



O THALASSA

LISBOA, 10 DE ABRIL DE 1913

... «governo algum pôde tomar a sério como diplomatas os individuos que presentemente occupam as legações de Portugal.»

(Transcripto d'O Seculo).

“DIPLOMATAS,, PORTUGUEZES



Trabalha a “malva” do Mestre

TRAIADORES... E PATRIOTAS

Quem fôr monarchico é traidor; quem fôr republicano é patriota—assim rezam as sagradas tabuas da democracia luzitana, dogmaticamente, com a rigidez d'uma sentença que não tem appellação nem agravo.

Se lhes perguntarmos porque é assim, elles respondem-nos batendo o pé no chão, por ser este o mais forte argumento quando o cerebro, por obvias razões, está impedido de as dar.

Traidores somos nós, e no entanto o mais modesto dicionario indica que traição é a *quebra de fidelidade*; e justamente por a não quererem quebrar, soffrem os monarchicos os horrores do carcere, a amargura do exilio ou as contingencias d'uma liberdade ficticia, que nunca se sabe bem se termina com uma mocada vibrada a uma esquina, se nas garras de qualquer *heroe* que surja imprevisadamente d'uma escada. Para que essa fidelidade, preza a uma convicção creada, educada e arreigada no proprio ser, possa conservar-se sem a mancha da *quebra*, choram por esse paiz fora milhares d'olhos, já sem brilho de tanto affeitos estarem a só contemplar as escuras cellas onde lhes prenderam a vida e o pão.

Mas... traidores são os monarchicos. E são-n'o porque jurando um dia sobre uma bandeira que symbolisava a Patria, a ella guardaram a fidelidade que a honra manda guardar quando é invocada como penhor d'um caracter; e são-n'o porque, não comprehendendo que um juramento possa conter elasticidade para um dia esticar para o lado direito e no outro estender para o esquerdo, mantem-se firmes, regeitando as lentilhas tentadoras, offertadas a troco da abjuração; e são-n'o porque á sua consciencia repugna vir bolsar injurias sobre a Crença.

São-n'o porque, vendo a correria veloz para o abysmo, pedem que não despenhem o paiz pela ribanceira dos desatinos; são-n'o porque, sentindo vilipendiada a Fé, esmagada a Consciencia, amordaçada a Liberdade, escravizada a Justiça, faminto o Povo, se revoltam contra a insolencia e o desvaivamento dominantes.

Por tudo isto e pelo mais que d'estas razões dimanam como logicas consequencias, ser monarchico é ser traidor; e ser republicano... é ser patriota!

Patria sim, nada menos e... muito mais!

Porque esse patriotismo tal qual S.^{as} Ex.^{as} o apresentam não representa o vulgar sentimento conhecido nos povos cultos e nas pessoas equilibradas; excede em muito... esse culto e esse equilibrio.

Já nos tempos da Monarchia os republicanos sabiam manifestar por estranha forma o seu patriotismo, incarnado então na pessoa do Sr. Magalhães Lima, o pombo diplomatico que ia mundo fóra perguntando ás Potencias se ainda não seria occasião de intervirem nos negocios internos de Portugal!

Não sabemos o que as Potencias responderam ao inclito varão, mas sabemos, porque o sabe toda a gente, que n'essa occasião desfructavamos uma situação invejavel e unica, no concerto mundial, graças á maior figura politica que Portugal teve nos ultimos cincoenta annos—o rei D. Carlos I.

Depois nasceu o 5 d'outubro; e a um militar republicano pertence a estranha declaração de *antes a intervenção estrangeira do que a restauração monarchica!!*

Nenhum jornal affecto ao regimen protestou; nenhuma voz se ergueu no parlamento repellindo a affronta.

Como um symbolico marco a declaração do militar ficou de pé, *marcando*, como quatro annos antes já as *demarches* do Sr. Magalhães de Lima haviam *marcado* tambem.

Ser republicano é ser patriota—e elles o mostram ser, atrophinando a vida nacional no terror, cavando cada vez mais fundas as dissidencias e acirrando mais ferozmente os odios entre irmãos.

Ser republicano é ser patriota—e elles o mostram ser, dando regalias aos estrangeiros que negam aos portuguezes.

Ser republicano é ser patriota—e elles o mostram ser, derruindo todas as escoras do passado, todo o patrimonio brilhante que herdámos dos nossos maiores.

Ser republicano é ser patriota—e elles o mostram ser, asphyxiando a propriedade, a industria e o commercio sob peza dos impostos.

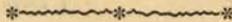
Ser republicano é ser patriota—e elles o mostram ser, aconselhando nas suas alforjas maçonicas a venda do nosso dominio colonial.

Ser republicano é ser patriota—e elles o mostram ser, deprimindo-nos aos olhos da Europa com medidas vexatorias para o brio nacional: tratando os presos politicos com a canibalesca sanha dos pelles vermelhas.

Ser republicano é ser patriota—e, finalmente, elles o mostram ser, declarando preferir *tudo* ao triumpho monarchico!

Pois se assim é, como provado está, antes *traidor* que *patriota* que tudo sacrifica aos altos interesses da Patria do que *patriota* que tudo inola ás baixas ganancias pessoasas.

Ái dó Paiz se só existissem os segundos. Nem a ossada roída da nação já existiria...



BRAZIL

A proposito da emigração para o Brazil publicou o sr. dr. Henrique de Hollanda uma carta nas *Novidades*, em que lamenta a forma pouco correcta como alguns jornaes republicanos se tem referido ao Brazil.

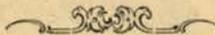
Diz este funcionario brasileiro na sua carta que *não ha noticias de semelhante aggressão nos tempos idos em que sempre tinham sido tratados com carinho e amor.*

Então que quer, sr. dr. Hollanda, *isto agora é outra coisa*, como muito bem disse o sr. Brito Camacho.

E' cada pançada de *civismo* que até uma pessoa fica tonta!

Pois se ha nação estrangeira que mais particularmente deva merecer sempre a nossa melhor estima e consideração é indiscutivelmente o Brazil.

Creja portanto a nossa querida irmã d'além-mar que qualquer indelicadeza que a seu respeito d'aqui vá exportada só pode significar a má educação de quem a dieta e nunca o sentimento do nosso paiz.



A MARIA DO PAUSINHO

Escreve-nos um leitor a perguntar se conhecemos a Maria do Pausinho em que ultimamente muito tem ouvido fallar, porque está compliando uns apontamentos historicos e desejava informes sobre a personagem.

Não, senhor, não conhecemos. Mas visto tratar-se de apontamentos historicos, o melhor será dirigir-se ao sr. Theophilo Braga, que é uma autoridade no assumpto. Elle deve conhecer a Maria do Pausinho.



O PREÇO

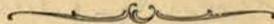
Um illustre deputado republicano, um dia d'estes, tendo acabado de ler o *Thalassa*, disse coisas amaveis (muito agradecidos) dos nossos bonecos e da nossa prosa. E virando-se para um companheiro declarou:

—Ora d'isto (o *isto* eramos nós) é que cá precisavamos. Que diacho, não haverá forma de comprar esta gente?

Não sabemos o que o companheiro respondeu mas vamos elucidar o illustre deputado sobre o *preço* da nossa venda.

Avulso e a retalho custamos um vintem, cada exemplar; agora por grosso e atacado isso é um pouquinho mais complicado, porque embora o illustre deputado não acredite nem todos os caracteres tem preço.

Parece-lhe impossivel, não é verdade? Pois é o defeito d'avaluar os outros por si proprio.



CONFIRMANDO

O sympathico *Mundo* diz que o sr. Theophilo não concedeu nenhuma entrevista ao *Dia*, tendo unicamente tido uma conversa particular com o estudante Colaço sobre politica e litteratura.

E' claro que toda a gente, assim que leu isto no sympathico *Mundo*, ficou absolutamente certa que tudo quanto o *Dia* tinha publicado era a expressão da verdade, porque ainda não se inventou nada melhor para confirmar uma noticia do que um desmentido do jornal de S. Roque.

E sabem que conclusão pretendia tirar o sympathico *Mundo* da sua confirmação—perdão!—do seu desmentido? Que o sr. Theophilo nada dissera que merecesse reparos.

Oh! refinadissima luminaria! E então as declarações feitas ao *Seculo*, que foram as que originaram a entrevista do *Dia*?

Ora digam-nos com franqueza se todos elles não estão mesmo feitos e tallhados uns para os outros? Sim, porque um Theophilo sem um Borges seria o mesmo... Seria o mesmo que muita coisa incompleta!

Entrevista com o sr. Theophilo Braga

S. Ex.^a classificando-se — O primeiro conselho — Discussão fraternal — O Sr. Theophilo não dormia — Porque resonava — Enchendo o sacco — O espelho revelador.

Depois das declarações feitas pelo sr. Theophilo Braga ao *Seculo* e ao nosso prezado collega o *Dia*, resolvemos tambem ir ouvir aquelle que em tempos tinha sido para os srs. Antonio José d'Almeida e Brito Camacho o *sábio professor*, a *suprema personalidade* e a *primeira cerebração*, e hoje é, segundo os mesmos eruditos senhores e seus comparsas, o *cabeça de víbora com corpo de minhoca*, e a *concretisação de baixos odios amassados na mais purulenta peçonha*.

Quando chegámos a casa do presidente do directorio, um silencio profundo envolvia toda a casa.

— O sr. Theophilo está? perguntámos a uma creada não muito edosa, que nos appareceu arremangada até aos cotovellos.

— Eu vou perguntar ao sr. doutor — respondeu-nos com ingenua simplicidade a moçoila.

D'aí a minutos eramos introduzidos n'um gabinete de trabalho, onde por entre um enorme monte de papeis e livros nos surgiu a cabeça alvamente encabellada do Sr. Theophilo.

— Mestre... — começamos muito respeitadamente.

— Burro... burro, é que o meu amigo deve dizer — atalhou logo n'm riso escarninho a ex-primeira cerebração.

— Por quem é, Mestre... Isso certamente são intrigas dos seus inimigos...

— Quaes intrigas! É como lhe digo. Burro, burrissimo, tres vezes, pode crer.

— Nunca gostamos de desmentir ninguem e muito menos quando se trata d'uma auctoridade na materia, como V. Ex.^a. Mas não comprehendemos a sua modesta insistencia.

— Eu me explico, meu amigo, eu me explico. Com argumentos de sobejo tenho demonstrado a força d'elles na burrice. Ora tendo eu lidado com elles em fraterno convívio e sido o seu presidente durante uns poucos de mezes, logicamente sou tambem burro. Hein! Não lhe parece?

— Não ousariamos concluir tão brillantemente com a nossa modesta intelligencia.

— Mas, o que o traz por aqui?

— Ouvir V. Ex.^a sobre um ponto que ainda nenhum collega nosso abordou nos *interview* que teem tido com o Mestre. Como sabe, affirmava-se que V. Ex.^a, quando presidente do governo provisório, dormia a sua sonneca nos conselhos de ministros, estando sempre alheio ao que se passava.



— Disseram isso, disseram. Mas enganaram-se. Isso é uma tragedia, meu amigo. Eu lhe conto. Quando depois de proclamada a republica nos reunimos pela primeira vez, começámos a olhar todos uns para os outros, assim com uma cara muito compromettida de quem fez asneira grossa e não sabia como livrar-se d'ella. O Antonio José, para me entalar, começou a gritar que eu era o presidente e portanto quem devia iniciar os trabalhos. O Affonso, que, aqui para nós, tambem é fresco, disse que os trabalhos já estavam iniciados por elle, com tres decretos que tinha na pasta para eu assignar. O Bernardino começou a mirar-se ao espelho e a cumprimentar os moveis, dizendo que se estava ensaiando para as recepções diplomaticas; o Correia Barreto não fazia senão perguntar se já havia a certeza da Familia Real estar longe e do Couceiro estar quieto, porque não fosse o diabo negro das coisas não estarem ainda seguras e elle perder o logar na Fabrica da polvora; os outros não abriam bico. Eu então comecei a escabecear, a fingir que tinha sonno, porque o Affonso e o Antonio José começaram, n'uma grande gritaria, ameaçando-se com os murros fechados por causa do decreto que estabelecia ao formulas burocraticas. O primeiro queria que o fecho dos documentos officiaes fosse *Saude e Fraternidade*, o segundo queria que fosse antes *Paz e Amor*.

— Devia ser interessante essa discussão.

— Oh! não calcula. O Affonso berrava: «Ha-de ser *Saude e Fraternidade* com um milhão de diabos.» Respondia-lhe então o Antonio José, aos murros á meza: «Raios te partam mais á tua teima! *Paz e Amor* é que deve ser.»

— E por fim?

— Por fim venceu o Affonso, como de costume. Eu então vi logo que os conselhos iam dar dança e resolvi fingir que dormia, sempre que tinhamos reunião.

— E quando o Sr. Brito Camacho entrou para a governo, V. Ex.^a continuou dormindo nos conselhos?

— Pudera. Passei então, por necessidade, a resonar.

— Por necessidade?

— Sim, meu amigo. Como sabe, o Camacho é muito enxovalhado, e quando o tempo começou a aquecer era de tombar. O Bernardino, coitado, uma vez ia tendo uma syncopa. Foi em junho. O Camacho tinha chegado mais tarde e viera a correr. Calcule, com o suor!... Eu encostava-me na cadeira e, fingindo resonar, virava o nariz para o ar, para não apanhar tão directamente as exhalações pestíferas...

— Mas então V.^a Ex.^a nunca dormiu a serio, nos conselhos de ministros?

— Qual! Eu estava a toscar tudo, cá tinha o meu plano.

— Mas porque não desmentiu logo esse boato das sonnecas, que lhe crearam fama de não se importar com a marcha dos negocios publicos?

— Pois ahí é que está a *gajice*, meu amigo. Bem vê que, sendo eu presidente do governo provisório, convinha-me fazer crer que era um pobre diabo, alheio ao que os ministros faziam, para não ter responsabilidades e continuar gozando os doces fructos da popularidade. Mas ao mesmo tempo precisava ir ouvindo o que elles diziam para que, se os ventos me não fossem favoraveis algum dia, eu então cantar grosso, como já varias vezes tenho cantado. Cá o Theophilo tem olho...

— V. Ex.^a então é um desilludido...

— Eu lhe digo. Desilludido, desilludido, não, porque eu ainda tenho illusões em muita coisa. Por exemplo, em ser presidente da republica.

— E quanto aos seus correligionarios?

— Olhe, isso é um estendal em que é melhor não fallarmos.

— Mas porque os não ataca frente a frente no parlamento.

— O meu amigo está maluquinho. Então eu...? Ora essa...! Então eu cahia n'uma arára d'essas! Eu no parlamento faço tambem que durmo a minha sonneca, que é para ir ouvindo e enchendo o sacco... Isso era ir entregar os triumphos nas mãos dos parceiros. Nada... Não vou n'isso... E depois...

— E depois? — repetimos nós ansiosos, antevendo qualquer revelação sensacional do Mestre.

— E depois... — continuou o chefe do governo provisório pondo-se de pé. E depois, elles são todos uns refinadissimos *gajos*, mas...

— Mas... — tornámos nós escutando attentamente.

— Mas, aquelle figurão que além está, tambem é uma busca de primeira ordem.

E o Sr. Theophilo Braga, com o seu eterno sorriso escarninho, apontando para um espelho, repetiu, indicando a sua pessoa:

— Um macacão pellado d'aíto lá com elle!... Nem o meu amigo calcula a ruindade que se alberga n'aquelle corpinho carcomido.



1498-1913



D. Constança Telles da Gama

Como uma luz piedosamente accêsa
em noite de soturna escuridade...
ou como um astro em ceu de tempestade,
ei-la a fulgir na Historia Portugueza!

Partiu sorrindo para a heroica emprêza;
e com serêna e dóce magestade,
maior soube tornar sua bondade
quanto mais viu crescer sua grandeza!

Ao proferir seu nome egregio e lindo,
que evôca o dos seus inclitos avós,
e que o futuro irá repercutindo

como um brado d'amor de todos nós,
ajoelham-se as mães n'um culto infindo...
e os poetas teem lagrimas na voz!...

Branca de Gonta Colaço.

"Por "mares,, nunca dantes navegados,,

FABULAS DE LA FONTAINE

(Actualizadas)

O conselho dos ratos... evolucionistas

Havia um gato maltez
Honra e flor dos outros gatos,
Affonsinho era o seu nome
Sua alcunha o Esgana Ratos.

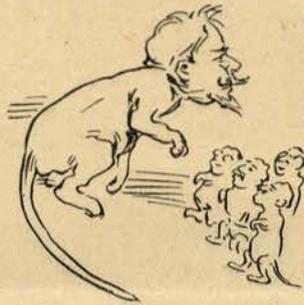


Os ratos evolucionistas
Apenas o percebiam
Mesmo lá dentro das tocas
Com susto d'elle tremiam,
Que amortilhava nas unhas
Inda o rato mais machucho,
Tendo para o sepultar
Um cemiterio no buxo,
Passou entre aquelles pobres
De quem ia dando cabo
Não por um gato maltez
Sim por um vivo diabo,
Mas janeiro ao nosso heroe
Já dor de dentes causava
E elle de telhas acima
O remedio lhe buscava.



Dona Gata Camachista
De amor versada nas lides
Era só por quem na roca
Fiava este novo Alcides;
Foi então que o Antonio Zé
Achando leo ajuntou
E reunindo a rataria
D'esta sorte lides fallou:
«Em quanto o permite a noite
«Cumpre, irmãos meus, que vejamos
«Se á nossa common desgraça
«Algun remedio encontramos.
«Affonsinho é um verdugo
«Em urdir nossa desgraça,
«Se não lhe obstar veremos
«Finda em breve a nossa raça,
«Creio que evitar se pode
«Este fatal prejuizo,
«Mas cumpre que do agressor
«Se prende ao peçoço um guizo;
«Bem que ande com pés de lã,
«Quando o cascaval tenir,
«Lá onde quer que estivermos
«Teremos leo de fugir.
Foi geralmente approved
Voto de tanta prudencia;
Mas era a dúvida achar
Quem fizesse a diligencia.
«Vamos a saber qual de vós
Diss'o Antonio Zé pimpão
«Se atreve a dar ás propostas
«A devida execução.

«Eu não vou lá, disse aquelle;
«Menos eu, outro dizia;
«Nem que me cobrissem d'ouro,
«Respondeu outro, — eu lá ia.
«Pois então quem ha de ser?
«Disse o chefe da evolação,
Mas todos á boca cheia
Responderam: «Eu não! eu não!»



Tornou-se em nada o Congresso
Que o aperto ás vezes é tal
Que o remedio que se encontra
Inda é peor do que o mal.

Assim mil coisas se assentam
No evolucionismo marau
Mas por fim dá tudo sempre
Em aguas de bacalhau...

DEMONSTRAÇÃO COMPLETA

O caso Theophilo Braga não é um incidente politico. E' uma demonstração viva e completa. Ora vejamos.

O Sr. Theophilo Braga é um homem de bem e a primeira cerebração da peninsula, segundo affirmam os seus amigos politicos. Logo, as declarações de S. Ex.^a acerca dos diplomatas republicanos, de muitos correligionarios precisarem grillheta e dos enredos do Sr. Brito Camacho, é verdadeinha como agua, porque um homem de bem não ia mentir e uma cerebração de tal quilate tem a sufficiente auctoridade para saber apreciar assumptos de tanta gravidade.

Demonstrado fica, pois, que *todos* os diplomatas, com excepção do Sr. Bernardino (por emquanto), são uns... (O Sr. Theophilo diz que não dizia o que elles eram e nós tambem não dizemos.) E igualmente fica demonstrado que se o Sr. Theophilo publicasse *tudo quanto sabe dos republicanos deixava muita gente na grillheta*, e que o Sr. Brito Camacho é um poço de más qualidades, etc., etc.

Ora muito bem. Mas por sua vez o Sr. Camacho demonstra que o Sr. Theophilo é *peçonha virulenta* e um *cretino irresponsavel*, e como tal já dado a conhecer ao estrangeiro quando era presidente do governo provisorio, que é como quem diz do chefe do Estado. E o Sr. Augusto Vasconcellos acrescenta *que esse velho de 70 annos lhe não merece respeito nem consideração nenhuma*.

Ora estes Senhores, dizem os seus amigos politicos, são uns perfeitos caracteres e intelligencias superiores e portanto incapazes de dizer coisas tão graves se assim não fossem. Mais demonstrado pois fica que o Sr. Theophilo Braga, figura primacial do partido democratico é... tudo quanto o Sr. Camacho e o Sr. Vasconcellos dizem, o que é mais do que sufficiente para o reduzir á immortalidade das coisas sujas.

Por sua vez o Sr. Antonio José d'Almeida é, na opinião do Sr. Theophilo, o que todos sabem; e este, na opinião d'aquelle, o que sabido é por todos.

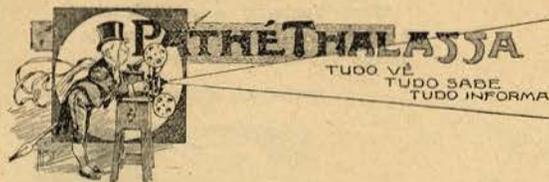
Concluindo portanto finalmente, vemos que, tendo as valiosas opiniões de todos estes politicos uma grande auctoridade, dada a sua especial situação na politica, devemos acreditar-as *todas* e, acreditando-as, assentarmos que o Sr. Theophilo Braga é o que os Srs. Brito Camacho, Antonio José e Augusto Vasconcellos dizem que elle é; e que estes senhores são o que o Sr. Theophilo diz que elles são.

E no fim de tudo isto só ha um caminho logico e hygienico a seguir. E' mettel-os todos com os competentes admiradores (porque quando as estrellas são assim o que farão os satelites!) dentro d'uma carroça do lixo e mandal-os para sitio onde não façam perca nem damno.

Caramba! Até que emfim vemos que a *egualdade* não é uma palavra vã na republica. São todos eguaes... na podridão!

AOS COLLEGAS

A todos os nossos illustres collegas que se teem continuado a referir ao nosso apparecimento e bem assim a honrar-nos com referencias elogiosas aos numeros do *Thalassa* e as nossas modestas pessoas, agradecemos muito penhoras das suas gentilezas.



Deram-se 14 vagas na Penitenciária. Havendo presos communs condemnados a prisão cellular, parece que estes deviam ter preferencia aos condemnados politicos.

Pois, não senhor. Metade das cellas vagas foram logo occupadas por presos politicos.

Santos varões! Como a natureza foi prodiga convosco dando-vos forma humana...

Toda a gente se tem admirado d'aquelle monstrosinho em forma de sanguessuga que se chama contribuição predial. Pois segundo nos consta, o melhor ainda está para apparecer.

A lei sobre contribuição industrial que o sr. Affonso Costa tem na forja é de levar o resto do coiro e o resto do cabelo, seguindo nos informa pessoa que está no segredo dos deuses.

Vae tudo d'uma banda, com seiscentos mil Affonsos Costas!
E tu, Zé Palerma, aguenta-te e continua bufando vivos, que para isso mesmo é que és soberano...

O sr. dr. Antonio Macieira, apreciado ministro dos estrangeiros, tem assistido com grande assiduidade ás recitas da companhia franceza no theatro Dr. Amela.

E' com grande prazer que registamos o facto, pois elle só mostra os progressos que o arrojado estadista tem feito na lingua franceza, idioma que ainda ha dois mezes constituia para S. Ex.^a um intrincado mysterio da sciencia.

Reciba pois a illustre professora do sr. dr. Macieira os merecidos louvores, porque com semelhante prova acaba de demonstrar quanto é proficuo o seu methodo do ensino, mesmo applicado aos que não foram fadados para grandes exercicios cerebraes; e ao distincto discipulo o affectuosos parabens... da Europa extasiada!

O sr. Theophilo Braga, na celebre entrevista publicada no *Dia*, chamou ao sr. Relvas, representante da republica portugueza em Madrid, *el tanto mysterioso*.

Tanto mysterioso, hão-de convir que é boa piada, embora possa levantar protestos... nos albergados de Rihafoles.

Os empregados publicos, segundo um recente *ukase*, tem que se apresentar ao serviço na repartição, logo no dia immediato em que terminem as suas licenças, mesmo que se encontrem doentes.

Achamos bem, como tudo quanto dimana do poderoso cerebro do illustre Cezar Affonso. E se nos fôsse permitido um alvitre, diriamos que o Imperador Costa devia obrigar mesmo os que fallecessem a comparecer no caixaõ.

Olarilla! E quem não quizer que se mude.

O sr. Affonso Costa foi testemunha n'um recente julgamento de accusados politicos.

Perguntado pelo juiz auditor sobre a sua profissão, o chefe do governo, segundo o extracto da *Capital*, hesitou, sorriu e por fim declarou que era advogado e presidente do ministerio.

Não sabemos que presidente de ministerio era uma profissão, mas já que o sr. Affonso Costa o diz deve estar certo... como o *deficit* do orçamento.

Oh! senhores, muito se aprende com estes cavalheiros!

No julgamento do sr. general Abel de Campos o sr. Affonso Costa foi de pôr como testemunha. E' claro que aproveitou logo o ensejo para fazer um comiciosinho politico, cascando na monarchia, insinuando a alturas tantas do seu *depoimento de propaganda* que quando tinha estado preso por causa do 28 de janeiro o tinham querido envenenar.

Devia ser isso. Envenenado com os *piteus* do Tavares!

Ora... batatinhas!

O *Mundo* diz que é órgão do povo republicano portuguez. Comprehendemos. Órgão privativo, isto é, da privada do povo portuguez.

Sempre nos quiz parecer isso.

Iniciou a sua publicação a semana passada um novo pamphleto politico intitulado *A Cambada*.

Como o seu titulo indica, chega na *cambada* zurrindo fortemente n'alguns republicanos, apezar... do novo semanario ser tambem republicano.

Entfim... mais *fraternidade*!

Na *Cambada* só achamos um defeito: tem muita casca para tão pouco miolo.

Faz lembrar aquellas nozes muito grandes e que depois d'abertas apresentam um recheio minusculo...

Pois é assim mesmo a capa e o texto da *Cambada*, a quem cumprimentamos, desejando-lhe longa vida.

PLEBISCITO

QUAL É O PARLAMENTAR MAIS "NONES"?

O primeiro classificado receberá um premio

O *Thalassa* abre hoje um plebiscito entre os seus leitores que tem por fim apurar qual é o parlamentar do Congresso republicano mais *nones*, sobre o ponto de vista intellectual.

A medida *nones*, que serve para termo de comparação, é já sobejamente conhecida para que se torne necessario traduzil-a em equivalencias. Nenhum outro termo indica com equal precisão a *meta* que se tem em vista, porque *nones* não significa só a *rijeza de materia*, mas tambem a *abundancia de produção*.

O presente *Plebiscito* será encerrado em 8 de maio proximo e o primeiro classificado por maior numero de votos será exposto nas paginas do *Thalassa* durante um mez, como vencedor, e receberá uma assignatura á *borda*, durante tres mezes, do nosso semanario, o que equivale a uma pequena fortuna.

As condições do Plebiscito são as seguintes:

1.º — Os votados terão que ser deputados ou senadores, em exercicio.

2.º — Os votos dos nossos leitores devem ser enviados em carta ou bilhete para a redacção do *Thalassa*, podendo conter um ou mais nomes de parlamentares.

3.º — Cada pessoa não tem mais do que um voto, mas pode emitir tantos votos quantas as procurações que para esse fim tenha de pessoas conhecidas ou amigas.

4.º — No caso de votarem por procuração só o poderão fazer quando jurarem pelo amor que dedicam ao sr. Affonso Costa, que estão munidos d'essa autorisação.

5.º — Não tem voto n'esta materia os srs. Affonso Costa, Brito Camacho e Antonio José d'Almeida, por causa das chapelladas em favor dos seus correligionarios.

No proximo numero do *Thalassa* começaremos publicando as votações d'este sensacional plebiscito, que será um dos mais valiosos documentos com que a historia no futuro contará.

THEATROS

Gymnasio — Lá fomos á *Conspiradora*. E se é certo que quando transpuzemos a porta do theatro iamos já com a certeza de ouvir uma boa peça, confessamos que a nossa expectativa foi excedida.

Não precisa o trabalho do consagrado escriptor sr. Vasco de Mendonça Alves reclames, porque *A Conspiradora* triumphou logo na primeira noite, e não os necessitando para a sua peça, menos ainda os precisa para seu o grande talento. Limitamos portanto a nossa critica a duas linhas, para com ellas registarmos o trabalho do eminente auctor da *Promessa* como o mais feliz original que na presente epocha subiu á scena portugueza, e juntarmos os nossos applausos aos que Lucinda justamente recebe todas as noites do publico.

Trindade — São raros os originaes portuguezes de operetas. E os poucos que ultimamente tem apparecido tem sido bem pouco felizes. N'este numero se pode contar o *Sacrificio d'Abrahão*, agora em scena no theatro da *Trindade*. Com excepção d'alguns trechos de musica do inspirado Nicolino Milano, o resto... deixa muito a desejar, porque a monotonia domina ali com assustadora soberania.

Que longe vamos dos tempos em que se escreviam operetas como *O Burro do Sr. Alcaide*, *Solar dos Barrigas*, *Testamento da Velha* e outras!

Nacional — Em recita do actor Joaquim Costa, lá temos hoje a *Triste Viuvinha*, do grande escriptor D. João da Camara. Tambem se representa a peça *Em Camisa*, que tem bom agrado.

Breve sobe á scena o novo trabalho de Malheiro Dias, *Intimigas*, peça que marcará mais um successo n'aquella casa, não só pelo talento do seu auctor, como tambem porque será uma das suas protagonistas a imminente actriz senhora Delphinia Cruz.

Republica — Depois da interrupção nas suas representações pela Companhia de Huguenot, reaparece hoje a companhia portugueza, levando em 7.ª e ultima recita d'assignatura a peça de Kistomaeckrs, a *Labareda*, que vem em Lisboa continuar a marcha triumphal iniciada nos primeiros theatros europeus.

Trindade — Mais uma vez se canta hoje a engraçada opereta *O sacrificio de Abrahão*, que conta as suas representações pelo numero de enchesites. Dado o agrado que merece ao publico é peça para estar largos dias no cartaz.

Gymnasio — *A Conspiradora* está na ordem do dia, entre a gente que aprecia o bom theatro. O publico não se cansa de a applaudir e a empresa ia a vae mantendo em scena.

Avenida — *Astoria*, com quadros novos, scenographia nova e novos numeros de musica, vae ser com certeza um justo motivo para que muita gente que não chegue cedo á bilheteira tenha de voltar para casa por já não haver logar. Hoje repete-se.

Apollo — Os novos quadros do *Sonho Dourado* augmentaram, se é possível, o interesse que o publico ha muito vem demonstrando por esta peça. O successo é cada dia maior.

Colyseu dos Recreios — Hoje temos a *Somnambula* cantada pela sr.ª Mercedes Farry, que já mostrou o seu talento artistico na opera o *Kigoletto*. Com certeza a *Somnambula* será mais uma noite de gloria para a distincta cantora.

ANIMATOGRAPHOS

Os melhores, mais chics e de melhores fitas

Olympia — Rua dos Côndes.

Trindade — Rua da Trindade.

Terrasse — Rua Antonio Maria Cardoso.

Central — Avenida da Liberdade.

Salaõ Avenida — Avenida da Liberdade.

Chantecler — P. dos Restauradores.

"ANOFELES"

"Esse Camacho é o verdadeiro ANOFELES, aquele mosquito cuja picada produz as febres palustres".

Da entrevista do Dr. Theophilo Braga com o "Dia"



A unica tisana que o cura.